

22 DEZ 1997

CORREIO BRAZILIENSE

Morador de invasão constrói em alvenaria

Instituto Habitacional quer reunião entre Administração de Brasília e moradores para evitar degradação do patrimônio histórico

Andrea Cordeiro
Da equipe da Correio

São 350 famílias acampadas em barracos de madeira ao lado da Embaixada do Iraque e de frente para as casas do Lago Sul. A maioria mora no local desde a construção de Brasília, em 1956. Outros chegaram há 10 anos.

A diretora presidente do Instituto de Desenvolvimento Habitacional de Brasília (Idhab), Alexandra Reschke, desconhecia as construções e acionou a Administração de Brasília para uma reunião com a comissão de moradores do acampamento e com o chefe do gabinete da vice-governadora, Antônio Lassance, coordenador dos trabalhos no local. O Correio tentou entrar em contato com a Administração de Brasília e com o chefe de gabinete da vice-governadora, mas não obteve resposta.

“A Associação dos Moradores sabe que é proibido construir e está pondo em risco a negociação do GDF com o Iphan para a liberação da moradia definitiva”, explicou a diretora, ressaltando que o Idhab não é um órgão fiscalizador, e por isso ela não estava sabendo.

Glauco Campello, presidente do Iphan, encaminhou ofício na sema-

na passada para a Administração de Brasília, esclarecendo a posição contrária do instituto quanto às construções de alvenaria no acampamento. Ele alega que a fixação dos moradores “contraria os critérios de proteção ao tombamento da cidade e abre perigoso precedente para a ocupação das margens do lago, destinada ao uso de atividade coletivas de lazer e cultura”.

Para o presidente da Associação de Moradores, Antônio Alberto dos Santos, a iniciativa de construir em alvenaria foi uma decisão aprovada em assembleia pela comunidade, sem dar importância às leis.

“Nós achamos que é muito melhor morar em uma casa de alvenaria do que em um barraco de madeira, que estraga logo e fica feio com o tempo. Se o Iphan entrar na justiça contra as casas, nós entraremos com recurso contra eles também. Vai ser a mesma briga que aconteceu na Vila Planalto”, simplifica.

Antônio esclarece que os moradores já tentaram negociar com o Iphan qual estilo ou tipo de casas seriam permitidas para a área, sem que afetassem o tombamento da cidade, mas o instituto sequer considera a hipótese deles permanecerem no local.